

“É realmente possível uma civilização ancestral prosperar e, abruptamente, destruir-se num nível tão profundo que seus últimos resquícios convertam-se em lendas? Será que um punhado de fragmentos de palavras e restos de imagens em páginas destroçadas, nada mais que vestígios de algo avançado e grandioso, poderiam gerar toda uma complexa mitologia?”
(Antíciro Atanásio)

Prelúdio — Uma Primeira História

Caos e Ordem vagavam adormecidos na imensidão infinita do não ser. Não havia tempo, não havia criação, o próprio espaço era vazio de si mesmo. No início de tudo eles se encontraram, o cosmos surgiu desta união e o infinito tomou forma. Antes de o tempo ser moldado da maneira que o conhecemos, a existência foi preenchida somente de Luz e Escuridão.

No princípio, as gêmeas coexistiram em equilíbrio, porém Luz, não entendendo bem o seu papel nas engrenagens do cosmos, começou a ambicionar a parte do espaço infinito que cabia a Escuridão. Sua mente turvou-se, não conseguiu mais compreender a obra que seus pais executavam através delas. Sob sua óptica, focava-se em gerar as mais belas, cálidas e suntuosas formas, enquanto do lado da irmã, tudo que emergia parecia grotesco, frio e disforme. Numa ocasião, Caos e Ordem comunicaram algo primordial: em breve, com novos ensinamentos, ambas as filhas renasceriam segundo uma nova perspectiva e, nesse momento, suas criações viveriam juntas e em harmonia para todo o sempre.

Luz não foi capaz de aceitar essa decisão e tentou argumentar. Defendeu que suas criações eram majestosas, surpreendentes e iluminadas, enquanto as da gêmea eram execráveis, sombrias e repugnantes, jamais poderiam viver juntas. Seus pais simplesmente retrucaram que o instante no qual ela compreendesse que tudo criado até agora era digno de existir e só permanecia porque havia livre arbítrio, seria também o momento do renascimento. A luzente filha resolveu então agir. A criação podia avançar e retroceder ao bel prazer de seus pais, portanto necessitava de algo que eles não pudessem desfazer.

Através de muita reflexão e fulgor, qualidades indissociáveis de Luz, descobriu uma maneira de alcançar enorme intensidade e rechaçar Escuridão para algum ponto distante. Desse modo, evitaria qualquer possibilidade de suas criações se misturarem, além de expandir sua área de domínio sobre o cosmos.

Para o êxito do plano, uma gigantesca acumulação de energia seria imprescindível, mais do que sozinha teria potencial de fornecer. Em vista disso, furtou paulatinamente pequenas quantidades das essências de caos e de ordem, as quais estavam perdidas nos confins do infinito. Depois, ela mesma deveria renascer sob uma forma mais poderosa. Após reunir energia suficiente, concentrou-se num único ponto; fez-se uma colossal explosão se autodestruindo e ressurgindo no instante seguinte. Criou-se o tempo no coração pulsante de Luz e, sincronicamente, um luminoso poder foi irradiado e começou a cruzar o espaço em todas as direções, com velocidade e força assombrosas.

Quando Caos e Ordem notaram o que ocorrera, já era tarde demais. Tentaram conter e reverter o trabalho da filha, mas inclusive os dois primevos estavam agora presos às engrenagens do inexorável tempo. O brilho e o calor de Luz tornaram-se tão intensos que ela ardia e queimava toda a criação. Não conseguia mais controlar seu poder intrínseco e sofreu ao ver a desgraça a qual causara. Não só tudo que ela e Escuridão haviam concebido pereceria, mas também a sua própria irmã estava prestes a deixar de existir.

Escuridão gritava por socorro. Luz, profundamente estremecida, clarificou-se ao pedir ajuda a seus pais. Desejava conviver outra vez em paz com Escuridão e que tudo voltasse a ser como era antes. Eles explicaram que não foi o momento certo de renascer, ademais, como o tempo influenciava tudo agora, e ele se encontrava no interior de Luz, até mesmo eles, os agentes primevos de criação e destruição, não poderiam contê-lo. Deveriam criar e destruir de acordo com esse novo fluxo, precisavam respeitar o tempo, e no fim, a expansão da filha acabaria por consumir a tudo e a todos.

Luz percebeu que somente se sacrificando cessaria a aniquilação. Entretanto, seus pais a alertaram:

– Se sumires repentinamente, de nada adiantará teu sacrifício e o pouco que ainda resiste perecerá do mesmo jeito, só que dessa vez, de frio e insulamento.

Com uma voz suave e melancólica, o lamento dos pais se espalhou por todo o universo:

– Querida filha, finalmente entendeste como o cosmos funciona, embora demasiadamente tarde para ti, existe algo possível de se fazer para salvar o restante da criação. Daremos a luz a um filho, misto de Caos, Luz e Ordem, adjudicado de carregar o fardo do tempo e que já nasça sábio e ciente de seu papel de convívio com Escuridão, pois será ao mesmo tempo teu irmão e sobrinho. Infelizmente, esse filho sobrepujará o teu lugar, sugará a maior parte de tua essência e tu te extinguirás.

Ante esse prisma, Luz não refletiu mais. Em seu supremo esplendor, fragmentou-se ao retirar e oferecer a maior parte de si, onde se encontrava seu âmago e também local no qual o indefectível tempo se achava. Envolto num oceano de chamas, caos e ordem, surgiu Sol.

Em seguida, a pobre Luz se desfez em milhões de pedaços. Escuridão, com pena da irmã, arrebanhou todas as partes e guardou-as dentro de si mesma. Até hoje, quando Sol descansa e não há nuvens no céu, é possível ver os fragmentos da luz primordial emitindo um parco brilho saindo diretamente de certos pontos do vasto céu noturno, lar de Escuridão. Tais pontos brilhantes são conhecidos hoje pelos homens apenas como estrelas.

Sol passou eras contemplando a vastidão do universo. Sentindo-se bastante sozinho, pediu a Caos e Ordem uma companheira, alguém que compreendesse sua importância no cosmos e o fardo que é carregar o tempo. Decidiram então ceder a esse último desejo do filho, antes de partirem para um lugar além da compreensão.

– Filho Sol, atenderemos a esse último pedido, mas precisaremos ir embora para que possas assumir o seu derradeiro papel. Conosco permanentemente presentes, não atingiriam todo o potencial e nem se perceberiam em plenitude.

Ordem soprou e Caos tocou o sopro, dividindo-o em fogo, água, terra e ar: assim surgiu Terra. A atração foi mútua e não tardou a gerarem duas lindas filhas, Éster e Ilzur, as gêmeas noturnas, mas essa é uma outra história...

Capítulo I – O Reino de Rhysaddir. O Reino de Tiznit. A Missão. – Ano 3760. Dia 25 do mês do Rugido do Tigre.

Tenho que continuar. Estou em uma caverna, imundo, exausto e sangrando muito, mas não posso parar. Vejo, na parede, inscrições que não sei decifrar, tentam me impedir de prosseguir, mas, mesmo assim, avanço e pulo numa espécie de buraco. Uma luz misteriosa me guia. Enquanto caio, ouço barulho de pedras rolando. Aparecem-me duas escolhas: ir embora ou morrer. Eu, inexplicavelmente, escolho a morte.

O experiente guerreiro acordou sobressaltado, sonhos como esse começaram há uma semana e estão se tornando mais nítidos, esse foi o primeiro que se lembrou com certa clareza. Sentou-se jogando o lençol rasgado de lado, ainda meio tonto pelo sono e pelo sonho.

– Não faz sentido, sempre escuro e cheio de névoas, que porcaria de sonhos são esses? – resmungou para si mesmo.

Levantou-se da dura cama encharcada de suor, comeu um pedaço de carne seca que estava em cima de uma mesa rústica de madeira, banhou-se rapidamente e escolheu sua melhor túnica, visto que comparecerá a uma audiência com o rei.

--- (Alguns dias e muitas páginas de história depois...) ---

Tudo seguiu como planejado. Galen havia conseguido reunir um bom grupo e superaram, não sem dificuldades, os primeiros desafios. Armaram pequenas tendas sob o vago brilho vermelho que já despontava, se alimentaram e se prepararam para dormir sob o céu estrelado.

Waluânia, sentada em uma pedra, escovava os longos cabelos castanhos e a luz de Ilzur, quase pela metade, banhava suas madeixas e suas costas, deixando-os num leve tom avermelhado. Enquanto Éster, com pouco mais de um terço do seu brilho azulado, iluminava-lhe a face e os seios. Uma visão maravilhosa de uma graciosa mulher, num eventual momento de paz, entre as duas luas.

– Waluânia, conte-nos uma de suas histórias – pediu Galates, interrompendo-a por um momento.

– Você já ouviu todos os contos que sei – disse gentilmente, continuando a escovar seus cabelos.

– Faz muito tempo, além disso, os jovens aqui não conhecem o deleite proporcionado por seus contos – insistiu Galates.

Waluânia sucumbiu à lisonja com um meigo sorriso e iniciou a história.

Com uma voz fantástica, quase mágica, a narrativa fluiu suave e arrebatadora, como as forças da natureza em seu estado de graça. Seus olhares, gestos e tom de voz encaixando-se perfeitamente em qualquer tipo de frase. Cada palavra pronunciada extraía na medida exata a ênfase necessária. E sua narração, mais que o próprio conto, encantava sobremaneira os que se permitiam sentir.

Crias da Terra

Num primeiro momento, Terra era quente, predominava o fogo. No ardor dos primeiros vislumbres entre ela e Sol, deram origem às gêmeas Éster e Ilzur, dois novos celestes que durante eras somente acompanharam e aprenderam com seus pais.

Terra espelhava-se em Sol, mas seria impossível para ela brilhar como seu amado, faltava-lhe Luz. Compreendeu que era diferente e, justamente por ser distinta, poderia gerar o diverso. O calor de seu amado Sol era mais que suficiente para mantê-la bem. Terra esfriou-se. Tinha água, coisa que seu querido jamais poderia ter e brincou com as possibilidades. Com ar, água e fogo podia moldar a terra; com a terra, dividir ou agrupar as águas; com água, apagar o fogo e demais inúmeras opções... Isso a distraiu por algumas eras, contudo, por maiores que fossem as montanhas e por mais fundos que fossem os oceanos que ela criava, depois de um tempo, não havia nada realmente que a surpreendesse. Modelar desde as mais finas ravinas até os maiores cânions, tudo acontecia unicamente por sua vontade.

No entanto, assim como Sol, ela era filha direta de Caos e Ordem e continha também uma boa dose de suas essências. Não precisava se contentar em somente alterar o que seus pais a deixaram de herança. Ela, sozinha, era capaz de imaginar o novo e tinha o poder para semeá-lo e trazê-lo a existência. Nessa singular experimentação, queria que suas crias, como passou a chamá-las, usufríssem daquilo tudo que era. Mudanças não somente provocadas por ela, mas interagindo com as mudanças provocadas pelas crias.

– Meu caloroso Sol, assim como me iluminas e aqueces, farás idêntico aos meus rebentos?

– Criados de ti, por ti e para ti. O meu amor se estenderá a eles, pois os verei como uma extensão tua. Os meus raios comportar-se-ão sem distinção a todos que desfrutarem de tua proteção.

Assim sendo, Terra pôde concentrar-se nas próximas questões, dado que muito trabalho tinha a fazer e coisas por demais havia de explorar. Suas primeiras criaturas nasceram prontas, colossais e sem mente. Suas interações vinham somente da destruição e mataram-se umas as outras em pouco tempo. Na segunda tentativa foi capaz de moldar seres com algum tipo de mente, um sentido de autopreservação, o suficiente para não se destruírem todos, mas não se preocupou em delinear e incorporar cotas de caos e ordem. Portanto, já tendo nascidos prontos e de nada necessitando, nada faziam. Foi aí que percebeu sua falha mais evidente. Tudo antes criado mudava, movia, evoluía, incluindo ela e os demais celestes. Soterrou as frias crias e prosseguiu em sua aspiração. Aprendia com seus erros e, em vez de desanimar, empolgava-se cada vez mais.

Terra engajou-se e, criativa e fecunda como é, deu origem às mais variadas criaturas: aquáticas, aladas e terrestres. Da areia das praias às montanhas mais altas, da superfície do mar aos abismos mais profundos, dos desertos mais quentes às maiores geleiras, cada canto de si coberto por suas crias. Seres dotados, em quantidades diferentes, dos equivalentes que a formavam: terra, água, ar e fogo. Intrincado de tal maneira que precisavam em maior ou menor escala, direta ou indiretamente, de todos os elementos. Inspirados e esculpido por um ferramental de caos e ordem, poderiam criar outros de si mesmos. Alguns com uma partícula a mais de ordem, outras com uma partícula a mais de caos. Além de tudo, para que suas crias tivessem uma fagulha do que é sua relação com o sol, dividiu-os em machos e fêmeas.

– Meu cáldo amor, consegui que minhas crias interagissem com o que sou e criei, mas nenhum deles dura muito, vão ficando mais fracos e perecem.

– Minha amada, a energia mais básica, o caos e ordem que os compõe, se esvai continuamente... Tu criaste algo incrível. Eles nascem com uma energia tão condensada e num espaço tão pequeno! Crescem e se desenvolvem, mas energia é fluxo. É contra a sua natureza permanecer enclausurada. E a medida que a energia se dispersa, eles ficam mais fracos, até que não haja o suficiente para continuarem. No entanto, o mais incrível é a união das duas sementes. E assim como originamos nossas duas filhas celestes, tu deste-lhes o poder de fazerem o mesmo, à nossa semelhança. Tu criaste vida.

O reconhecimento das Luas

Numa época em que não havia noite, dentre todos os seres criados por Terra, os chamados homens apresentaram características únicas e peculiares. Algo os diferenciou. Havia uma curiosidade, uma percepção insólita. Talvez uma medida propícia de proporção entre caos e ordem ou uma combinação certa dos quatro elementos mais básicos que os compunham.

Nessa época, as gêmeas lunares, Éster e Ilzur, haviam amadurecido. Por segurança, andavam sempre juntas de seu protetor e poderoso pai, mas seu brilho as ofuscava e havendo agora abundantes seres em Terra, ansiavam tanto vê-los melhor quanto se mostrarem deslumbrantes no céu. Desse modo, decidiram, como irmãs, fazer um pedido a Sol.

– Pai, sempre fomos obedientes, o escutamos e o seguimos – disse baixinho Éster.

– Certamente – respondeu Sol.

– Resolvemos que já é hora de aprendermos por nós mesmas, queremos um tempo a sós com nossa mãe – pediu Éster.

– Quanto tempo? Qual o intuito?

– Desejamos ver e ser vistas pelos seres que nossa mãe criou. Todos eles – pronunciou Éster quase sem voz.

– É um longo caminho para irdes sós, vós precisareis repousar após a travessia – argumentou Sol.

– Repousaremos, e, desse modo, também terá um tempo sem nós por perto com a mão Terra – completou Ilzur triunfante.

– No entanto, não pretendo deixar de encontrá-las, queridas filhas. Chegarão antes de eu partir e esperarão eu chegar para ir descansar – concordou de modo caloroso.

– Claro! Concordamos! – bradaram juntas.

Durante o primeiro passeio de suas filhas, longe de todos, Sol encontrou-se com Escuridão.

– Irmão mais velho, nobre tio, primeiro filho, tenho um pedido para ti – pronunciou Sol, clamando.

– Se estiver a meu alcance... – A voz de Escuridão envolveu Sol.

– Não consigo ver limitação em seu alcance, tio. Minhas filhas andarão sozinhas pelo céu, gostaria que as vigiasse quando eu não estiver presente.

– Assim será, meu irmão.

Naquilo que posteriormente ficou conhecido como noite, Éster e Ilzur deliciaram-se com as características dos diferentes seres. Elas não queriam somente vê-los, também esforçavam-se para brilharem intensamente. Muitos se esconderam ante a ausência de Sol, contudo alguns fizeram justamente o oposto e regozijaram-se sob a presença das irmãs.

Depois de algum tempo, as gêmeas perceberam um ser muito especial, eles não somente a admiravam, alguns outros raros animais igualmente o faziam, mas também as desenhavam, cantavam e dançavam para elas.

Eufóricas, passaram a dar importância especial a essa espécie, prestando atenção no que esses diminutos seres faziam. Eles conseguiam usar partes da mãe Terra para esculpir ferramentas e armas, obtendo vantagem sobre as demais crias. Depois de bastante observar, notaram o que julgaram o mais importante, eles se comunicavam de maneira mais eloquente que quaisquer outros, ainda simples para os celestes, mas, mesmo assim, incrível.

Aprendendo quase que instantaneamente a fala dos homens, Éster e Ilzur deliciaram-se observando esses seres pensantes. Rudimentos sobre o que eram e o que significava tudo que observavam começaram a fazer parte de sua inquietude humana e quando perceberam que todos, sem distinção, um dia morreriam, encheram-se de angústia.

As irmãs celestes foram comunicar o fato para seus pais, Ilzur falou primeiro:

– Aqueles que se intitulam homens pensam sobre si e sobre nós de uma maneira que nenhuma outra cria de mãe já fez. E não é só isso, eles experimentam, testam e descobrem novas coisas constantemente.

– Uma criação que pode chegar a compreender o que somos... Tem certeza que é uma boa ideia mantê-los, Terra, meu amor? – perguntou Sol.

– Assim como todas as minhas crias, quero que permaneçam e que se um dia encontrarem seu fim, que não seja por você, meu amado. Por favor, não toques neles com chamas, meu cáldo amor, deixa que eu mesma decida. Tudo que vive e anda, sob e sobre minha pele, criado de mim e por mim, desejo saber até onde podem ir.

– Quanto mais compreenderem, mais poderosos se tornarão – alertou Sol.

– Mas vivem tão pouco e eles já entendem o que é morrer. É triste demais – balbuciou Éster.

– Tudo derivado de Caos e Ordem retornarão a Caos e Ordem – proferiu Sol.

– Até mesmo nós? – perguntou Ilzur temerosa, com a face voltada para Éster.

– Até mesmo vós? – perguntou Éster assustada, com a face voltada para seus pais.

– Tudo precisar mudar e a mudança deve permanecer. Isso é CaosOrdem.

– E o que acontecerá com tudo quando nós mesmos, os celestes, perecerem? – perguntaram juntas as gêmeas.

– Quando isso estiver próximo, nossos pais retornarão e somente então saberemos o que nos reserva.

– Então para que continuar, se não há como saber? – revoltou-se Ilzur.

– Ao contrário, só há como saber se continuar... – disse paternalmente Sol.

Ao final da história sentiram-se revigorados.

– Contos, o alimento da alma – suspirou Símaco.

Os que nunca a tinham visto atuar ficaram boquiabertos. Waluânia observou as faces abismadas e disse sorridente:

– Obrigada meninos. É sempre bom ter plateia nova... O quê? Mais um? Certo, mas é o último.

As filhas de Sol e Terra

Os homens evoluíram, bem como a fascinação das gêmeas por eles. Construíram casas e monumentos, não tardando a surgir os dois primeiros reinos humanos. Apesar de tudo, Terra não os considerava, ainda, dignos de diferenciação.

A humanidade era intrigante, mas Éster e Ilzur nunca haviam perdido tempo em observar e acompanhar um único indivíduo, até aquele momento. Um homem, um rei, a quem todos os outros homens respeitavam ou temiam rompeu essa condição. A característica pressa dos que vivem pouco, mais a ambição dos que muito conquistaram, multiplicados por dezenas de vezes defronte a esse único homem. Conquistava aliados tão facilmente quanto o Sol inspira as pessoas a levantarem das camas todas as manhãs. Sua fala arguta era o suficiente para encorajar até os mais frouxos. Havia um brio inerente entre aqueles que conseguiam estar perto dele. No entanto, em pouco tempo, seu reino não mais bastava...

O outro reino guardava a ventura de possuir um monarca muito inteligente, disso ele sabia, não podia simplesmente avançar sem antes realizar uma avaliação muito cuidadosa. De sua varanda suspensa, olhando para as luas, pensava nas possibilidades. Indagava também sobre vários outros assuntos, em voz alta, como se soubesse que um dia viriam respostas. Questões como: qual o tamanho de Terra, o que são e por que os celestes existem, qual o propósito das mais variadas coisas, ou qual o limite do que um homem pode conquistar. Admiradas pelos questionamentos, ansiaram, pela primeira vez, conversar com uma cria de Terra.

Ilzur decidiu primeiro, contudo precisava de uma forma que não provocasse espanto, algo com que os homens estivessem familiarizados, além disso, ela sabia que era vigiada. Não deveria ser nada extravagante ou então os outros celestes perceberiam. Só uma pequenina parte de si, assim não dariam falta.

Uma coruja vermelha desceu dos céus verticalmente, era um dia quente, com o ar soprando do leste e as irmãs no ponto mais alto do eterno caminho. Ela pousou na sacada da varanda...

Um barulho alto ao norte interrompeu a sequência de contos. Todos se armaram e, liderados por Galen, posicionaram-se estrategicamente. O som grave e carregado aumentava, era algo se aproximando...

||Obrigado por acompanharem até aqui! Outros contos do mundo: Aquele a Quem Sol Negou Seu Brilho e A Estrela Que Caiu.||